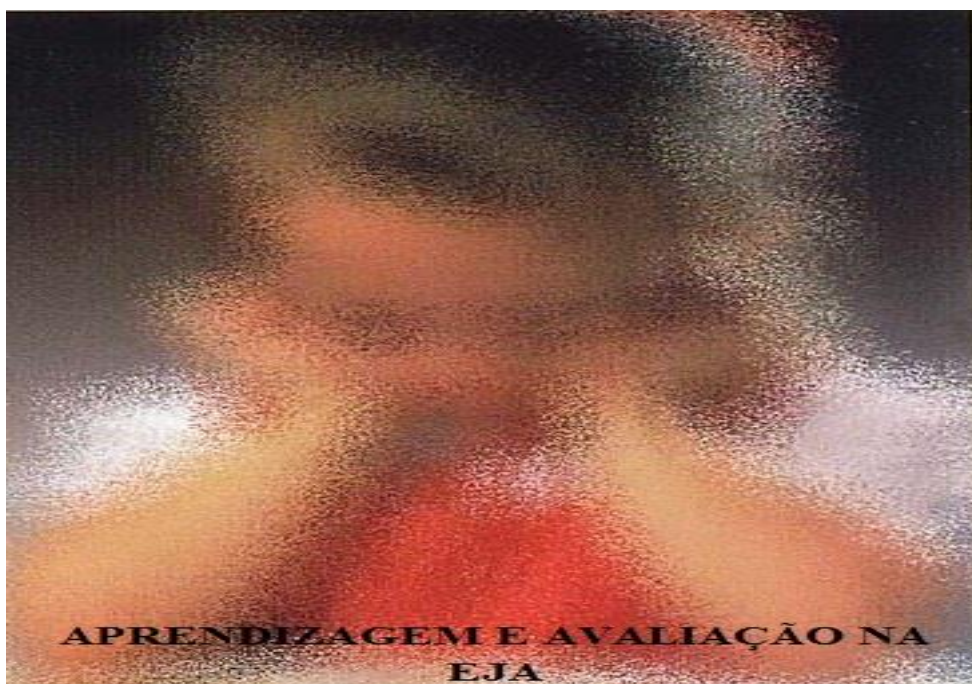


## APÊNDICE A: PRODUTO FINAL



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Câmpus Jataí  
Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática

### TEXTO DE APOIO



Octávio Marcos Martins Mani

Arte gráfica – Figuras ilustrativas:

[https://www.google.com.br/search?q=imagens+avalia%C3%A7%C3%A3o+da+aprendizagem&rlz=1C1AVNA\\_enBR600BR601&espv=2&biw=1366&bih=667&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKewj51ZC66OfJAhWDiZAKHcCxQQQsAQIIA](https://www.google.com.br/search?q=imagens+avalia%C3%A7%C3%A3o+da+aprendizagem&rlz=1C1AVNA_enBR600BR601&espv=2&biw=1366&bih=667&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKewj51ZC66OfJAhWDiZAKHcCxQQQsAQIIA)

JATAÍ – GO

2015

## SUMÁRIO

TEXTO DE APOIO – APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO NA EJA	
CONTEXTO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR	02
AVALIAÇÃO E SUAS MÚLTIPLAS CONCEPÇÕES	04
REFERÊNCIAS	11
PROJETO DE APRENDIZAGEM: UMA SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA DE ATIVIDADES	12
A CULTURA DO PROJETO – CONTEXTUALIZANDO	13
COMO SE INICIA UM PROJETO	13
MAS A ESCOLA, OU O CURSO PODE PERMITIR AO ALUNO ESCOLHER O TEMA, A QUESTÃO QUE VAI GERAR O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO	14
COMO A ATIVIDADE DE ELABORAR E DESENVOLVER PROJETOS PODE SE TORNAR UMA METODOLOGIA	15
TRAÇANDO OS OBJETIVOS	18
CARO PROFESSOR	19
PRIMEIROS PASSOS METODOLÓGICOS	20
ATIVIDADES SUGERIDAS	21
AFINAL, QUE RESULTADOS SÃO ESPERADOS	23
EXPECTATIVAS FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26



## CONTEXTO HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Com o intuito de diagnosticar formas e instrumentos de avaliação instituídos no Brasil a partir do século XX, apresentaremos a seguir um breve histórico, seguido de um levantamento de caráter crítico/pedagógico, apoiando-se em autores referendados, traçando uma trajetória da evolução do processo avaliativo, com a finalidade de dar subsídios para uma argumentação sobre o assunto, promovendo parâmetros e diálogo com os capítulos inseridos na dissertação.

Segundo Santos (2008), a avaliação está presente na sociedade desde 1200 a.C., quando surgiu na China sob a forma de exame para definir classes sociais, entretanto somente no século XVII adentrou na escola.

No Brasil, a tradição dos exames escolares, existentes hoje, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com base na atividade pedagógica produzida pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo bispo protestante John Amós Comênio (séc. XVII). A obra publicada pelos jesuítas, *Ratium Studiorum*, define regras de como deveriam ser conduzidos os exames finais do educando. No dia das provas, os alunos deviam trazer para a sala de aula todo o material do qual necessitariam. Após concluir a prova, o aluno devia receber seu material, entregar a prova e sair imediatamente e não poderia retomá-la a não ser depois de corrigida (LUCKESI, 2000).

A visão de avaliação, nesta perspectiva de medição, é uma prática evidente nas escolas. Entretanto, é importante frisarmos que nos respectivos séculos isso se dava em decorrência da avaliação ser realizada, apenas com o objetivo de classificar e selecionar. Isso porque o caráter pedagógico da avaliação, no sentido de consolidação da aprendizagem, ainda não havia sido pensado/refletido e discutido.

No Brasil, toma um caráter taxativo e classificatório durante quase todo o século XX, porém a partir das últimas décadas vem tomando lentamente um caráter democratizador dando possibilidade de o professor utilizá-la como auxiliar no processo educativo e não mais como forma de poder.

No período de 1930 a 1940, a didática tradicional começa a ser renovada, desencadeando o movimento de reorganização, lançando-se o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova (MEC, 2010), preconizando a reconstrução social da escola, cujo período é

marcado pelo equilíbrio entre as influências da concepção humana tradicional e humanista moderna.

Ao longo da história da educação moderna, a avaliação através de exames e provas foi se tornando uma “entidade”, criada pelo ser humano para atender sua necessidade, tornando-se independente dela e universalizando-a. A cultura avaliativa não se faz de uma hora para outra, há toda uma engrenagem, uma rede de significados que tecem e na qual ela também faz a sua tessitura, constrói significado e significações, enquanto é ação política/prática social (MEC, 2010).

Na história da avaliação educacional constata-se que alunos e professores frequentemente tem sido alvos dos interesses dos avaliadores, sob múltiplas e variadas perspectivas. A avaliação foi e continua sendo o mais frequente objeto de análise no contexto escolar (LUCKESI, 2000).

Para Tyler (1986), a trajetória da avaliação de aprendizagem está integrada a seu modelo para elaboração de currículo, que assume essencialmente um caráter de controle do planejamento, analogamente ao que ocorre no processo de produção industrial.

No Brasil, a avaliação trilhou o caminho da produção norte americana, com uma defasagem de mais de uma década. O veículo para essa transmissão deveu-se de um lado, ao trânsito de professores brasileiros que fizeram cursos nos Estados Unidos e aos acordos internacionais (TYLER, 1986).

De acordo com Tyler (1986), a influência do pensamento positivista impregnou o ambiente acadêmico brasileiro constituindo assim um superego de professor que mal ou bem a utilizaram. A avaliação se transforma numa verdadeira arma de controle que tudo pode, através deste uso do poder, o professor mantém o silêncio, a disciplina.

Existe uma trajetória na história da educação que precisa ser recuperada principalmente no que diz respeito aos pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam os diferentes modelos ou paradigmas da avaliação. Mas a situação em que vivemos hoje no sistema escolar em termos de avaliação é tão crítica que ainda muitos professores fazem supervalorização de nota, como recompensa ou punição.

É preciso sempre estar pensando e repensando na busca de uma educação que emancipe os homens do maquinismo. E, assim trabalhando para que a avaliação tenha como finalidade uma abordagem sócio-interacionista e a escola cumpra a sua função de favorecer os meios para que os alunos possam aprender mais e melhor (VASCONCELOS, 2005).

Nós avaliamos a todo o momento, e cada pessoa avalia-se de uma maneira. Nesse trabalho serão abordados diferentes linhas pedagógicas, que são denominadas formas,

conceitos e funções nas abordagens sobre a avaliação dentro do movimento educacional brasileiro.

## **AVALIAÇÃO E SUAS MÚLTIPLAS CONCEPÇÕES**



Segundo Depresbiteris (1989), durante muitos anos a avaliação educacional foi equacionada à avaliação da aprendizagem, e as palavras “avaliação” “medição” e “teste” eram em grande parte percebidas como sinônimas. Até meados da década de 60 (século XX), a maior parte dos livros com títulos como Avaliação Educacional, Medição e Avaliação na educação, discutia principalmente a avaliação da aprendizagem, preocupando-se com a criação, a confiabilidade e a validade de testes avaliativos.

A avaliação foi ampliando sua ação e novas percepções foram desenvolvidas, definindo a própria avaliação de uma forma que pudesse ser estabelecida a distinção entre o que é “avaliação” e o que é “medição”, e estendendo o âmbito da avaliação para além da avaliação da aprendizagem, assim, de uma perspectiva mais restrita, a aprendizagem passou a modelos de avaliação de currículos e programas (DEPRESBITERIS, 1989).

A ampliação conceitual vista e apresentada de forma distinta (e porque não dizer polarizada entre medição, teste e avaliação) chegou ao Brasil através das influências dessas ideias advindas dos Estados Unidos, mesmo ocorrendo após a defasagem de uma década. Essas ideias floresceram antes mesmo da sua produção editorial, haja vista o trânsito de professores brasileiros que fizeram cursos nos Estados Unidos e a influência exercida pelo Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar (PABAE) entre as décadas de 50 e 60 (século XX).

Assim, a influência do pensamento positivista no que diz respeito a avaliação da aprendizagem, impregnou o meio acadêmico brasileiro, tendo se projetado e difundido através de publicações como, a obra de Vitor Noll, intitulada “Introdução às Medidas Educacionais” publicada no Brasil em 1965, As Provas Objetivas: Técnicas de Construção” de autoria de

Medeiros (1971); Testes em Educação”, publicado por Viana (1982) e “Planejamento de Ensino e Avaliação”, organizado por Turra (1975), (SANTOS, 2008).

Essas obras foram adotadas nos cursos de formação de educadores e tamanha foi sua influência que extrapolaram o meio acadêmico, passando a subsidiar uma legislação sobre avaliação, integrando-se à orientação para a prática avaliativa nas escolas. Recursos metodológicos foram desenvolvidos com o objetivo de realizar a avaliação com base nesse enfoque.

Nesta perspectiva, a avaliação assume uma função meramente classificatória, visando medir o sucesso ou o fracasso do aluno. A tentativa de romper com a avaliação numa perspectiva quantitativa e progredir em direção às propostas de avaliação numa perspectiva qualitativa começou somente a ser vislumbrada nas publicações acadêmicas brasileiras a partir de 1978, sendo o primeiro artigo publicado, a “Abordagem etnográfica: uma nova perspectiva na avaliação educacional” de Marli André, (SAUL,1985).

A partir da década de 80 (século XX), é possível identificar publicações, com preocupação em discutir e aprofundar a abordagem qualitativa para avaliação. Essa iniciativa concretiza-se nas obras de autores como Luckesi, Depresbiteris, Hoffmann, Vasconcellos e outros. Assim, de uma perspectiva positivista, a avaliação assumiu uma perspectiva mais abrangente de natureza eminentemente dialógica e dialética, voltada para a transformação, tanto no plano pessoal como no social, ao utilizar, além de descrição quantitativa, interpretações qualitativas, nas quais foram incluídas julgamento de valor e apreciação de mérito.

Avaliação com caráter contínuo supondo trocas constantes entre aluno e professor, onde o eixo da avaliação deixa de girar exclusivamente em torno do aluno e da preocupação técnica de medir o seu rendimento, e passa a centrar as atenções em torno das condições de trabalho, da escola e da postura de seus dirigentes e demais agentes educativos (LUCKESI, 2001).

Essa mudança de perspectiva tem contribuído para elucidar os condicionantes estruturais da educação e o papel da avaliação na manutenção da ordem social vigente. Luckesi (2001) nos ajuda a compreender a avaliação nessa perspectiva mais crítica mostrando que a avaliação, ao conquistar um amplo espaço nos processos de ensino-aprendizagem, condicionou a prática pedagógica ao que ele chama de pedagogia do exame e insiste na necessidade de qualificar a avaliação não em função dela mesma e sim do fim a que se destina.

Para este autor a avaliação da aprendizagem se configura por possuir características diversas:

- ✓ tem por objetivos diagnosticar a situação de aprendizagem do educando, visando subsidiar a tomada de decisão para melhoria de sua qualidade;
- ✓ é inclusiva, ou seja, o ato de avaliar é um ato que inclui o educando dentro do processo educativo, da melhor forma possível;
- ✓ é amorosa, quando acolhe o educando;
- ✓ é diagnóstica e processual, quando admite que o educando se ele for bem cuidado poderá apresentar conhecimento ou habilidades esperadas; é dinâmica, pois diagnostica a situação para que o educando possa melhorar a partir de mais decisões pedagógicas.

A avaliação, assim entendida, ajuda a criar situações que permitam aos alunos a melhorarem seus processos de aprendizagem, e aos professores, o ajuste dos conteúdos a serem ensinados, bem como utilizar a informação coletada através da avaliação para introduzir mudanças, na sua prática avaliativa.

Vasconcelos (1998), Hoffmann (1995) e Depresbiteris (1989) concebem a avaliação como um ato pedagógico que ocorre no interior da escola, que, por sua vez, está inserida num determinado contexto social. Analisam a prática avaliativa que se realiza na escola, observando que a avaliação pode assumir as funções classificatória ou diagnóstica, de acordo com a postura assumida pelo professor.

Atualmente, a avaliação da aprendizagem tem procurado consolidar-se nessa perspectiva mais crítica, haja vista a lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), em seu Art. 24, inciso V, ao se referir à verificação do rendimento escolar chama atenção para os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

Essa possibilidade e obrigatoriedade prescritas na legislação vêm ampliar as decisões que o professor pode tomar a partir de sua prática avaliativa, pois tradicionalmente a avaliação é realizada para classificar os alunos e decidir sobre sua aprovação ou reprovação.

Legalmente, agora, a avaliação da aprendizagem assume o que a LDB - lei nº 9394/96 recomenda como sua função básica que é subsidiar o aperfeiçoamento do processo ensino aprendizagem. Essa lei representa um avanço, pois inclui a avaliação como um permanente processo de crescimento integral do educando, compreende-a como elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino, cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica, para que o aluno aprenda da melhor forma e tome consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades.

Assim a avaliação deve ocorrer durante todo o processo de ensino aprendizagem e não apenas em momentos específicos, constituindo-se como um elemento de reflexão contínua para o professor e o aluno, com vistas à melhoria da qualidade do ensino. Nessa perspectiva, a avaliação vai além da visão tradicional que enfatiza o controle externo do aluno mediante notas ou conceitos.

Usualmente a escola considera que avaliar tem o significado de “cobrar conceitos”, “definições”, “fórmulas e teoremas” já prontos, vistos em sala de aula e repetidos várias vezes em exercícios de casa. A escola trabalha mais com exames para guiar, obrigar e submeter o aluno com ameaças e temores, do que com avaliação para diagnosticar uma situação qualquer, na perspectiva de possibilitar um caminho mais satisfatório para uma aprendizagem significativa (LUCKESI, 2001).

Embora teoricamente haja um grande avanço no sentido de desenvolver práticas avaliativas numa perspectiva formadora, como também iniciativas em termos de lei e diretrizes, realizar a avaliação nessa perspectiva requer que esta ocorra de forma sistemática, durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não somente após o fechamento de etapas do trabalho, como acontece habitualmente em nossas escolas.

Baseada nestes parâmetros, a avaliação do processo ensino-aprendizagem tem como finalidade verificar o nível de aprendizagem dos alunos. Segundo Haydt (2007), esta avaliação apresenta basicamente três funções: diagnosticar, controlar e classificar e essas três funções estariam relacionadas a três modalidades distintas: diagnóstica, formativa e somativa, que a autora definiu da seguinte forma:

**A avaliação diagnóstica** é aquela realizada no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários, isto é, se



possuem os conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens. É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas, numa tentativa de saná-los. **A avaliação formativa**, com função de controle, é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com o intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades. Portanto, a avaliação formativa visa, fundamentalmente, determinar se o aluno domina gradativamente e hierarquicamente cada etapa da instrução, porque antes de prosseguir para uma etapa subsequente de ensino-aprendizagem, os objetivos em questão, de uma ou de outra forma, devem ter seu alcance assegurado. É principalmente através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático. Essa modalidade de avaliação é basicamente orientadora, pois orienta tanto o estudo do aluno como o trabalho do professor. Por isso, a avaliação formativa pode ser utilizada como um recurso de ensino e como fonte de motivação, tendo efeitos altamente positivos e evitando as tensões que usualmente a avaliação causa. **A avaliação somativa**, com função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra, ou de um grau para outro (HAYDT, 2007, p.17-18, grifos da autora).

Esta mesma autora diz que, atualmente, a avaliação da aprendizagem possui “uma dimensão orientadora” uma vez que ela tem assumido “novas funções, pois é um meio de diagnosticar e de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo ensino-aprendizagem estão sendo atingidos” (HAYDT, 2007, p.14).

Ainda neste contexto, agora com base nas análises e nos estudos desenvolvidos por Sousa (2005), a avaliação pode cumprir três funções básicas:

**Diagnosticar:** visa à caracterização do aluno no que diz respeito a interesses, necessidades, conhecimentos e ou habilidades, previstos pelos objetivos educacionais propostos, e à identificação de causas de dificuldades de aprendizagem;

**Retroinformar:** busca a verificação dos resultados alcançados durante ou no final da realização de uma etapa do processo ensino-aprendizagem, para replanejar o trabalho com base nas informações obtidas;

**Favorecer o desenvolvimento individual:** é atribuída à avaliação a possibilidade de atuar como fator que estimula o crescimento do aluno, para que se conheça melhor e desenvolva a capacidade de auto-avaliar-se (SOUSA, 2005, p.37, grifos nossos).

Além dessas três funções básicas da avaliação, Sousa (2005) também descreveu múltiplas funções indicadas pelos autores por ela estudados, sobre os quais ela fundamentou os seus estudos, ou seja:

-(...) avaliação como facilitadora do processo de autoconhecimento do aluno;  
-a auto-avaliação são procedimentos que permitem que o aluno se conheça melhor;

-a avaliação, com função diagnóstica, pode visar à caracterização de um aluno ou de um grupo de alunos, quanto à presença ou ausência de habilidades, capacidades e interesses, possibilitando identificar pontos a que seja necessário dar mais atenção e proporcionar experiências adequadas ao seu nível de desenvolvimento;

-a avaliação é uma atividade que informa tanto durante (função formativa) o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem quanto no final deste (função somativa);

-com relação à função formativa e somativa da avaliação, tem-se que é uma atividade que fornece informações para:

-controlar a eficácia dos planos propostos,

-auxiliar na clarificação dos objetivos educacionais propostos,

-verificar se os objetivos previstos estão sendo atingidos pelos alunos, possibilitando redirecionar a aprendizagem durante o processo,

-controlar a eficiência dos métodos, procedimentos e recursos didáticos que foram adotados pelo professor, assim como das experiências de aprendizagem organizadas,

-possibilitar a tomada de decisões quanto aos planos que serão desenvolvidos com os alunos e de planos administrativos,

-possibilitar a todos os elementos envolvidos no processo educacional (professores, alunos, administradores, funcionários etc.) um acompanhamento dos resultados que vêm sendo obtidos; uma das finalidades da avaliação somativa, que é a classificação do aluno de acordo com o nível de aproveitamento obtido no fim de um bimestre, semestre ou curso (SOUSA, 2005, p.37 e 41).

O uso da avaliação nessa perspectiva, cuja finalidade é formar cidadãos capazes de intervir criticamente na realidade para transformá-la, só poderá acontecer se o caráter de terminalidade e de medição de conteúdos aprendidos, forem superados, a fim de que os resultados da avaliação possam ser utilizados como indicadores para a renovação da prática avaliativa.

Parece ser possível buscar, experimentar e construir uma prática avaliativa que promova uma real integração entre ensinar e aprender. No entanto, faz-se necessário uma ação reflexiva e desafiadora do professor em termos de favorecer a troca de ideias e informações entre e com seus alunos, dando-lhes oportunidades de se expressarem e se retomar dificuldades referentes aos conteúdos trabalhados a fim de contribuir efetivamente para uma maior compreensão e aprofundamento do objeto do conhecimento.

No entendimento de Tavares (2001), a função diagnóstica, quanto ao seu processo pode ser subdividida em três etapas:

- a) a primeira, quando a avaliação é executada no início do processo de aprendizagem, denominada avaliação **diagnóstica**, utilizada para detectar e informar as habilidades, capacidades, interesses apresentados pelos educandos, e que pontos do conteúdo devem ser adequadamente trabalhados;
- b) a segunda, executada durante o processo de ensino, com o intuito de informar como está o desenvolvimento do educando, denominada de avaliação **formativa**;
- c) e a terceira, a avaliação **somativa**, cuja função é

informar como foi ou se deu o desenvolvimento do educando no final do processo de ensino e da aprendizagem (p.37-38, grifos nossos).

Segundo Carvalho (2008), para realizar uma síntese de algumas ideias teóricas sobre as funções da avaliação da aprendizagem, Depresbiteris (2005, p.54) recorreu à teoria de Scriven, Bartolomeis e Coock. Segundo esta autora, Scriven fez uma distinção marcante entre o objetivo e as funções da avaliação. “O objetivo da avaliação é julgar o mérito de alguma coisa”, diz Depresbiteris (2005, p.54). Scriven classifica em formativa e somativa as funções da avaliação da aprendizagem.

A avaliação **formativa** consiste no fornecimento de informações que serão utilizadas na melhoria do desempenho do aluno durante seu processo de aprendizagem. A avaliação **somativa** refere-se às informações no final desse processo (DEPRESBITERIS, 2005, p.54, grifos nossos).

Com base nessa classificação, entendemos que a avaliação enquanto componente do processo ensino-aprendizagem tem como função obter informações, a respeito da aprendizagem do aluno, que possibilitem, ao educador, estabelecer uma correlação entre os dados recolhidos e as suas pretensões. E, tem como objetivo subsidiar uma tomada de decisão sobre as práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas e o conseqüente progresso ou não do educando.

Essa retrospectiva nos permite concluir que a concepção de avaliação da aprendizagem, tem sido reformulada no sentido de uma perspectiva mais ampla que possibilite ao professor uma reflexão contínua sobre sua prática avaliativa, uma vez que a avaliação é vista como um componente do processo ensino aprendizagem que subsidia o professor na criação de novos instrumentos de trabalho e na retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB**. Lei 9.394/96. Brasília-DF, 1996.

CARVALHO, N. M. **Avaliação da Aprendizagem** - um estudo com professores em exercício. Dissertação de mestrado, Goiânia, 2008.

DEPRESBITERIS, L. **O desafio da avaliação da aprendizagem**: dos fundamentos a uma proposta inovadora. São Paulo: EPU, 1989.

\_\_\_\_\_. Avaliação da aprendizagem: revendo conceitos e posições. In: SOUSA, C. P. (Org.). **Avaliação do rendimento escolar**. 13. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2005. p.51-79.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista**. 18. ed. Porto Alegre: Mediação, 1995.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2000.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem escolar: uma opção pela vida**. In: Simpósio Nacional de Educação – Educação: novos caminhos em um novo milênio, Natal, RN: 2001.

Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959 Fernando de Azevedo... [et al.]. – Recife: **Fundação Joaquim Nabuco**, Editora Massangana, 2010.

SANTOS, J. G. **História da Avaliação: do exame a avaliação diagnóstica**. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2008.

SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo**. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUSA, S. Z. L. Revisando a teoria da avaliação da aprendizagem. In: SOUSA, Clarilza Prado de (org.). **Avaliação do rendimento escolar**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

TAVARES, A. G. **A avaliação nas disciplinas de composição do curso técnico em desenho industrial do Cefet-PR** – a difícil convivência entre objetividade e subjetividade. Dissertação de Mestrado. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba: 2001.

TYLER, R. W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. Tradução de Leonel Valtandro. 9ª ed. Porto Alegre. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de mudança - por uma práxis transformadora**. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2005. (Cadernos Pedagógicos do Libertad; v.6).



Ministério da Educação  
 Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
 Câmpus Jataí  
 Mestrado Profissional em Educação para Ciências e Matemática

## PROJETO DE APRENDIZAGEM: UMA SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA DE ATIVIDADES



Octávio Marcos Martins Mani

JATAÍ – GO  
 2015

## A CULTURA DO PROJETO - CONTEXTUALIZANDO

O trabalho com Projeto de Aprendizagem permite a busca de respostas a perguntas que podemos fazer sobre o mundo em que vivemos. Para isso, é necessário que nossas curiosidades sejam exercitadas, ou seja, é preciso que tenhamos vontade de compreender o universo onde habitamos.

A atividade de fazer projetos é simbólica, intencional e natural do ser humano. Por meio dela, o homem busca a solução de problemas e desenvolve um processo de construção de conhecimento.

### COMO SE INICIA UM PROJETO PARA APRENDER?



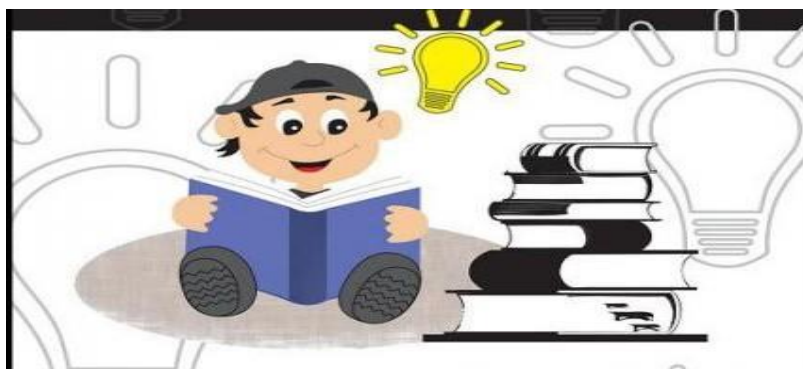
Aconselho, como estratégia inicial, levantar preliminarmente com os alunos, suas certezas provisórias e suas dúvidas temporárias. E por que temporárias? Pesquisando, indagando, investigando, muitas dúvidas tornam-se certezas e certezas transformam-se em dúvidas; ou, ainda, geram outras dúvidas e certezas que, por sua vez, também são temporárias, provisórias. Iniciam-se então as negociações e trocas de informações e experiências entre os componentes e os grupos, que neste processo são constantes, pois a cada ideia, a cada descoberta os caminhos de busca e as ações são reorganizadas e replanejadas.

Existem diferentes caminhos que podem levar à construção do projeto a partir das curiosidades, necessidades e expectativas dos alunos. Inventando e decidindo é que os estudantes/autores vão ativar e sustentar sua motivação. Para tanto, precisamos respeitar e orientar a sua autonomia para:

- Decidir critérios de julgamento sobre relevância em relação a determinado contexto.

- Buscar/localizar/selecionar/recolher informações.
- Definir/escolher/inventar procedimentos para testar a relevância das informações escolhidas em relação aos problemas e às questões formuladas.
- Organizar e comunicar o conhecimento construído.

**MAS A ESCOLA, OU O CURSO PODE PERMITIR AO ALUNO ESCOLHER O TEMA, A QUESTÃO QUE VAI GERAR O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO?**



É fundamental que a questão a ser pesquisada parta da curiosidade, das dúvidas, das indagações do aluno, ou dos alunos, e não imposta pelo professor. Isto porque a motivação é intrínseca, é própria do indivíduo.

Quando o aprendiz é desafiado a questionar, quando ele se perturba e necessita pensar para expressar suas dúvidas, quando lhe é permitido formular questões que tenham significação para ele, emergindo de sua história de vida, de seus interesses, seus valores e condições pessoais, passa a desenvolver a competência para formular e equacionar problemas. Quem consegue formular com clareza um problema, a ser resolvido, começa a aprender a definir as direções de sua atividade.

“A escola tem importante papel na socialização do conhecimento, processo este que deve ser desenvolvido em conjunto por educandos e educadores em sua tentativa de responder aos desafios de sua realidade e de lutar por uma sociedade igualitária” (BRASIL, 2006).

Cada vez mais, o sistema educacional deve estar orientado para ser agente concretizador de mudanças comprometidas com os interesses das classes populares, as quais buscam uma progressiva autonomia com participação, especialmente para que se reduza a exclusão social. Refletir sobre a prática de avaliação atual requer um olhar crítico e uma projeção de metas definidas pela comunidade escolar, conforme um

processo gradual de mudanças que tenham como fim o aperfeiçoamento da avaliação escolar, devendo se respeitar os tempos individuais e a cultura de cada educando para que, com isso, ele seja sujeito nas relações sociais.

### **COMO A ATIVIDADE DE ELABORAR E DESENVOLVER PROJETOS PODE SE TORNAR UMA METODOLOGIA?**



Quando falamos em “aprendizagem por projetos” estamos necessariamente nos referindo à formulação de questões pelo autor do projeto, pelo sujeito que vai construir conhecimento. Partimos do princípio de que o aluno nunca é uma tábula rasa, isto é, partimos do princípio de que ele já pensava antes.

Como neste projeto de aprendizagem/avaliação, o que pretendemos é a ação coletiva e colaborativa, visando entre outros, a construção de um roteiro de avaliação emancipatória, partimos do princípio que o ideal seria trabalhar com grupos e subgrupos, já visualizando uma maior interação, e conseqüentemente uma maior troca de informações e experiências.

A importância de trabalhar em grupos e subgrupos com o público da EJA, visando a socialização dos conhecimentos e a aplicação de diferentes metodologias, sempre gerenciadas pelo professor, é destaque na Proposta Curricular de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (2006), podendo ser adaptadas a diversas disciplinas e realidades:

A partir de uma proposta e da formação de subgrupos de trabalho, o que determinará o alcance de uma unidade didática será a capacidade de articulação dos conhecimentos que o grupo possui e de partilhá-los entre seus integrantes, bem como a aplicação de metodologias de aprendizagem que garantam o avanço de todos, contemplando a diversidade de interesses e habilidades. Portanto, é fundamental [...], gerenciar junto com os alunos as produções do grupo, divididas em subgrupos, implica criar momentos para a socialização dos novos conhecimentos (p. 212).



Importante considerar que o Programa Nacional de Integração da Educação Básica na modalidade EJA de 2007, contempla a prática da pesquisa como processo de produção de saberes, propondo como metodologia a solução de problemas. Neste projeto especificamente, os professores/orientadores junto com seus alunos, ao construir cada um dos projetos propostos, e utilizando como metodologia a socialização do conhecimento adquirido, poderão ir à busca da solução das situações/problemas propostas.

Também como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário avaliar o conteúdo ministrado, oportunidade esta que será dialogada e proposta aos alunos, que em parceria com os professores envolvidos, desenvolverão um processo avaliativo democrático, diagnóstico e colaborativo, não considerando apenas a finalização, mas o processo como um todo, dando aos sujeitos e aos grupos envolvidos oportunidade de se auto avaliarem, desenvolverem e aplicarem uma avaliação emancipatória e omnilateral.

De acordo com as Diretrizes Curriculares EJA:

Por isso, é preciso construir uma cultura avaliativa que propicie à escola questionar o seu papel e comprometer-se com a construção e socialização de um conhecimento emancipatório. A avaliação é um meio e não um fim em si. É um processo contínuo, diagnóstico, dialético e deve ser tratada como integrante das relações de ensino-aprendizagem (2006, p.40).

A Proposta Curricular EJA - PN, 2006 entende que é necessário diversificar as formas de verificação do avanço na aprendizagem para que os alunos com dificuldades em expressões orais e/ou escritas, tímidos ou de difícil socialização não sejam prejudicados pelo tipo de avaliação empregada. Neste sentido, é necessário avaliar tanto individual como coletivamente, com avaliações orais e/ou escritas, através de relatórios, seminários, projetos, oficinas. Avaliando não apenas os conhecimentos conceituais, mas também os procedimentos e os valores desenvolvidos no processo de aprendizagem.

Sendo assim, é preciso construir uma cultura avaliativa que propicie à instituição, professores e alunos, questionar o seu papel e comprometer-se com a construção e socialização de um conhecimento emancipatório. A avaliação é um meio e não um fim em si. É um processo contínuo, diagnóstico, dialético e deve ser tratada como integrante das relações de ensino-aprendizagem. Para Luckesi (2000), a avaliação da aprendizagem é um recurso pedagógico útil e necessário para auxiliar o educador e o educando na busca e na construção de si mesmo e do seu melhor modo de estar na vida.

Na relação dialética presente na avaliação, o educando confronta-se com o objeto do conhecimento que o levará à participação ativa, valorizando o fazer e o refletir. Assim, os avanços, as pesquisas e as descobertas referentes ao processo de ensino e aprendizagem assumem caráter diagnóstico e mediador, permitindo tanto ao educando como ao educador reverem os caminhos para compreender e agir sobre o conhecimento, sendo um ponto de partida para o avanço na investigação e suporte para a internalização.

Nesta linha de raciocínio, enfatiza-se a necessidade de se diferenciar as formas de avaliação, no âmbito da Educação de Jovens e Adultos. Torna-se eminente a importância da formulação de estratégias avaliativas que não sejam autoritárias, discriminatórias, abusivas e que não se limitem a reduzi-la a uma simples mensuração de conteúdos, mas que contemplem o desenvolvimento do aluno na íntegra, como ser social e cidadão, dinâmico e em desenvolvimento.

Através deste projeto pretende-se inovar e ao mesmo tempo explorar a vivência e a capacidade criativa do aluno da EJA, aprendendo com este educando, e, juntos organizando, socializando e avaliando o conhecimento adquirido. Diretrizes Curriculares EJA- PN, 2006, entende que em função da diversidade dos educandos da EJA, socialmente diferenciados, é necessário que a EJA “proporcione seu atendimento por meio de outras formas de socialização dos conhecimentos e culturas”.

Este projeto caracteriza-se por uma iniciativa interdisciplinar, tem a ação coletiva e a participação colaborativa como seu principal reator, pois será construído pelos alunos da EJA, tendo os professores/pesquisadores como motivadores e orientadores. Educação é comunicação, é diálogo, é um encontro de sujeitos interlocutores que, procuram, no ato de conhecer, a significação da realidade e na práxis o poder da transformação (FREIRE, 2006). Visa aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre a temática proposta, para que possam ser transmissores e reprodutores do conhecimento, úteis para suas vidas e de seus semelhantes, principalmente na sua área de vivência e convivência, capacitando-os para serem cidadãos críticos, tornando-os aptos a intervirem de forma significativa em sua comunidade, elaborando e desenvolvendo projetos a partir do tema proposto.

Entre outros, este trabalho tem a intenção e a função de despertar no aluno seu potencial investigativo e de agente transmissor, por esperamos deles uma ação conjunta e consciente durante todo o processo, que será avaliado de forma diagnóstica, colaborativa e formativa, visando uma avaliação emancipatória e omnilateral,

considerando o sujeito como um ser humano, com suas potencialidades e limitações, valorizando o percurso, com todos os seus afazeres cotidianos.

Assim, o conhecimento não pode ser concebido como algo externo e distante dos sujeitos, apartado das relações sociais que o constituem, considerando que os educandos e educadores já possuem formas e repertórios organizados para expressarem seus sentimentos, suas ideias, suas opiniões, suas percepções, e que todos estes elementos constituem ensino e aprendizagem. Nunca é demais destacar que o aluno constrói seu próprio conhecimento, jamais o recebe pronto do professor, salvo em ações mecânicas onde esses conhecimentos jamais ajudarão a construir outros.

O professor na verdade o ajuda nessa tarefa de construção, intermedia a relação entre o aluno e o saber, mas é uma ajuda essencial, imprescindível, pois é graças a ela que o aluno, partindo de suas possibilidades, pode progredir na direção das finalidades educativas (ANTUNES, 2002).

Dentre outros, o papel da educação não é somente a formação para a cidadania. Ela é fonte de inclusão, informação, conhecimento e divulgação e o principal caminho de interações dos sujeitos com seu grupo de vivência e convivência, levando a educação e a conscientização a sua comunidade, se tornando um cidadão consciente de seus direitos e deveres, capaz de intervir nesta sociedade, de modo a modifica-la para melhor.

## **TRAÇANDO OS OBJETIVOS**



Este projeto de aprendizagem/avaliação visa dar aos profissionais e alunos inseridos em cursos da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) subsídios para uma construção colaborativa, através de ações coletivas entre docentes e discentes, viabilizarem um projeto interdisciplinar, visando à construção de um roteiro avaliativo, que seja emancipatório, democrático e busque a formação do ser social e cidadão de forma omnilateral.

Objetiva-se a construção de um projeto de aprendizagem/avaliação que esteja ao alcance de todos os alunos, propiciando a sua intensa participação, como membro efetivo e importante no contexto, articulando estratégias que busquem o avanço de

todos, contemplando a diversidade de interesses e habilidades, onde o professor atue como mediador/incentivador nestas relações, em prol da construção e socialização do conhecimento e de uma avaliação emancipatória, para tanto alguns objetivos específicos foram traçados:

- ✓ Oportunizar aos alunos, através da construção de um projeto interdisciplinar, angariarem subsídios teóricos através da pesquisa bibliográfica.
- ✓ Considerando e avaliando seus conhecimentos prévios, promover a troca de informações e experiências, e conjuntamente, numa ação colaborativa articularem subprojetos entre os sujeitos e os grupos estabelecidos.
- ✓ Estabelecer uma rede de conhecimentos, constituindo canais de informações entre os grupos, sugerir e acatar pareceres, avaliar e ser avaliado, promover a auto avaliação, na expectativa de ao final em um trabalho unificado, serem capazes de disseminar o conhecimento adquirido, tornando-se colaboradores e multiplicadores.
- ✓ Propiciar aos professores efetuarem e aos alunos receberem uma avaliação colaborativa, de caráter formativo, omnilateral, democrática e emancipatória.



### **CARO PROFESSOR**

Durante o período inicial da apresentação do projeto de aprendizagem/avaliação e como se darão os desdobramentos futuros, com o intuito de desenvolver uma relação de confiança com os alunos, inicie os trabalhos com uma atividade de sensibilização, trabalhando a autoestima, destacando a capacidade e a importância da efetiva participação de todos.

Sua postura de professor, durante o desenvolvimento do Projeto de Aprendizagem/avaliação, deve ser a de **mediador** na aprendizagem de seus alunos. O diálogo deve ser mediado por você, professor orientador, cabendo-lhe oportunizar a efetiva participação de todos os alunos. Você deve animar, instigar, aconselhar e apresentar elementos que possibilitem a aprendizagem, respeitando a individualidade de

cada um, investindo no bom relacionamento, no resgate de valores e no trabalho de equipe. Destaca-se aqui, que individualmente e também reunidos em grupos, os alunos buscarão respostas sobre temas a respeito dos quais tem curiosidade ou necessidade de aprender.

Os grupos serão formados a princípio pela livre escolha, tendo um líder inicial, que se revezará após cada encontro, propiciando a todos a oportunidade de ser o agente ativo da relação, em sua representatividade.

Os temas/conteúdos a serem trabalhados, trazidos pelos próprios alunos, após discussão/debate, serão sorteados e/ou escolhidos por cada grupo por sua idealização ou afinidade com o assunto, que ao final será apresentado à comunidade em forma de projetos e ou subprojetos.

### **PRIMEIROS PASSOS METODOLÓGICOS**



Considerando a importância da conscientização e aprendizagem pessoal, da participação coletiva e colaborativa e principalmente na socialização destes conhecimentos com a comunidade, este projeto/roteiro está previsto para ser realizado em sete etapas/encontros. Cada etapa aplicada em um encontro de 1h 30min semanais, totalizando, assim, 10.5 horas de atividades, envolvendo aplicação da teoria junto à experimentos em laboratório e sala de aula, apresentação de relatórios, seminários, debates, em fim desenvolver todas as atividades e desdobramentos previamente planejados e estabelecidos pelos alunos e professores.

Como parte integrante da avaliação e socialização dos conhecimentos, cada grupo deverá entregar aos professores e aos demais grupos, relatórios periódicos sobre o desenvolvimento da produção, apresentação (seminários, mesas redondas, debates), propiciando assim a autoavaliação e a avaliação de seus pares. Completando o processo avaliativo na finalização dos trabalhos serão entregues os projetos elaborados pelos grupos, seguido da apresentação pública – teoria e prática para as demais turmas de

EJA, profissionais envolvidos e demais modalidades regulares de ensino, da instituição e além-muros.

Diante disso pode-se vislumbrar um processo de avaliação com caráter interdisciplinar e multidimensional, em que se apresente a partir de um planejamento, com um formato contextualizado, logo dando um significado ao contexto pedagógico.



### **ATIVIDADES SUGERIDAS**

**No primeiro encontro** – Deverá ser apresentado o projeto básico interdisciplinar pelos professores responsáveis pelo desenvolvimento do projeto/roteiro. Serão debatidos e trabalhados com os alunos os temas de interesse de todos, sugeridos pelos próprios discentes.

Em seguida, a turma será dividida em grupos por afinidade dos integrantes, e os temas sorteados e/ou escolhidos pelos grupos, para que possam pesquisar e angariar referenciais teóricos para fundamentar seus trabalhos. Os instrumentos a serem utilizados para os levantamentos ficam por conta e responsabilidade de cada grupo, podendo ser utilizados livros, revistas, artigos, internet etc..

Dando sequência nas atividades do primeiro encontro, serão subdivididos outros temas a serem trabalhados, dependendo da quantidade de grupos que serão formados. Estipula-se o máximo de sete componentes, para que todos possam ser líder em um encontro.

**No segundo encontro** - Deve-se priorizar a busca pelos referenciais teóricos, o encontro com a internet, à identificação dos sites e dos artigos, sempre tendo você professor como o mediador. Cada grupo deverá anotar e ao final do encontro, descrever/relatar aos demais grupos e ao professor as atividades desenvolvidas deste dia. Sintetizando as atividades previstas: Apresentar relatório, colher e repassar informações socializando os conhecimentos, tecendo uma rede de informações, dar e acatar sugestões para ajustes em seu projeto e dos demais grupos.

**No terceiro encontro** – Os grupos deverão apresentar o relatório da semana, detalhando o trabalho até então desenvolvido para os demais grupos. Salienta-se aqui a necessidade de cada grupo descrever como foram desenvolvidas atividades até o presente momento e as dificuldades encontradas. Ao final do encontro após todos os grupos se apresentarem, usando a mesma metodologia do encontro anterior todos deverão sugerir e acatar sugestões, repassando e angariando subsídios para adequações e melhorias para seu projeto e dos demais.

**No quarto encontro** – Inicialmente, cada grupo deverá apresentar para os professores e para os demais grupos seus projetos em andamento, para uma avaliação coletiva e possíveis contribuições para aperfeiçoamento do trabalho. Poderá ser utilizado Datashow, cartazes, pôsteres, apresentações individuais e em grupos, em fim utilizar estratégias para o bom desenvolvimento e apresentação do projeto. Entregar relatório com as ações desenvolvidas na semana para o professor e para os demais grupos.

**No quinto encontro** – Dando sequência ao projeto, os grupos demonstrarão uns para os outros de modo teórico e prático seu trabalho desenvolvido, acatando sugestões externa para acrescentar melhorias ao seu projeto e para a apresentação final. Para essa apresentação cada grupo poderá utilizar os recursos desejados e que melhor lhes convier.

Esta atividade poderá ser em sala de aula, no laboratório, na quadra de esportes, no auditório, em fim no local onde os grupos melhor se adaptarem para a apresentação e desenvolvimento teórico/prático de seu projeto. Todos os grupos deverão entregar relatório com as ações desenvolvidas na semana. Neste encontro enfatiza-se a avaliação do trabalho do grupo pelos outros grupos, numa ação colaborativa.

**No sexto encontro** - Todos os grupos deverão entregar a versão final do projeto de aprendizagem/avaliação para o professor e para os demais grupos, já formatado e em versão impressa e digital. Como próxima atividade, os grupos deverão: elaborar as lâminas (Power Point) para a apresentação; organizar a apresentação prática (como se dará); treinar a apresentação (apresentar para os demais grupos) para evitar futuros transtornos no dia da apresentação pública.

**No sétimo encontro** – A apresentação pública poderá ser no auditório ou em outro lugar apropriado, onde os grupos de modo teórico e prático apresentarão o resultado final de seus projetos para as demais turmas de EJA, para todos os envolvidos,

para os convidados e para os presentes de forma geral, concretizando assim a finalização do projeto.

Para o desenvolvimento da proposta, os grupos podem utilizar como recursos materiais: cartolinas, folhas de papel A4, canetas hidrocores, colchonetes, computadores, impressoras, máquinas fotográficas, filmadoras e projetores, demais materiais necessários.

A realização da avaliação final pelos professores será através da observação diária, interesse, assiduidade e participação do aluno, dos relatórios entregues, das avaliações dos demais grupos, das autoavaliações e da entrega do projeto de cada grupo.

A coleta de dados pode ser feita pelos itens acima citados e pelos registros feitos por fotografias e filmagens, que deverão ser feitas em cada encontro, registrando assim o desenvolvimento do projeto – processo diário, e da apresentação pública, que também deverá ser gravada em áudio - vídeo.

### **AFINAL, QUE RESULTADOS SÃO ESPERADOS?**



Implementar novos processos avaliativos, alternar estratégias, envolver os alunos no processo pedagógico, pressupõe mudar também a relação ensino-aprendizagem e a relação educador-educando, tendo em vista que esta mudança, para muitos, pressupõe a perda de poder. Neste caso específico do projeto aprendizagem-avaliação, propomos uma ação coletiva e colaborativa, com intuito de promover a democracia e a emancipação dos sujeitos. Os educadores e alunos devem estar dispostos ao diálogo, o silêncio e a submissão de ambas, ou de uma das partes em relação ao processo ensino - aprendizagem e com avaliação reforçam a permanência de uma sociedade excludente e seletiva.



Vasconcelos (1994, p. 45) instiga a repensar o fazer pedagógico, ao afirmar que as “novas ideias abrem possibilidades de mudanças, mas não mudam. O que muda a realidade é a prática”.

Com essa metodologia/estratégia buscamos conseguir uma maior interação entre os alunos, além de desenvolver temas transversais (ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, pluralidade cultural, trabalho e consumo) valorizando o saber popular, utilizando o senso comum como base para o saber científico, aproximando-os através da pesquisa bibliográfica para construção do referencial teórico, enfim da elaboração e construção do projeto. Também esperamos estimular momentos de informação, questionamentos, aprendizagem, avaliação individual, coletiva, democrática e emancipatória, efetivando uma direção rumo à autonomia na escolha de atividades e ações que lhes tragam maior qualidade de vida, escolha esta que poderá continuar fora do ambiente escolar.

### **EXPECTATIVAS FINAIS**



Acreditamos que a experiência de ofertar (implantar) esta proposta, nos possibilitará o desafio de buscar ações pedagógicas que atendam as especificidades desta modalidade de ensino. Dessa forma, esperamos que esta atividade seja um instrumento pedagógico capaz de dinamizar o processo ensino-aprendizagem-avaliação, além de promover a formação de cidadãos críticos, colaborativos e conscientes, sendo capazes de questionar, produzir e intervir de forma efetiva na sociedade em que vivem.

É importante destacar a concepção ampliada de educação de Jovens e Adultos no sentido de não se limitar apenas à escolarização, mas também reconhecer a educação como direito humano fundamental para a constituição de Jovens e Adultos autônomos, críticos e ativos frente à realidade em que vivem.

Uma das inovações pedagógicas que terá grande impacto, durante o período em questão, seja na busca das respostas através dos projetos de aprendizagens, seja no

desenvolvimento do processo, serão as ações coletivas e colaborativas e a utilização das tecnologias da informação e do conhecimento, sempre intermediadas pelo professor, incentivando e auxiliando no que for necessário. Acredita-se que os alunos se tornam autônomos na medida em que percebem que são capazes de buscar respostas para suas perguntas, que a aprendizagem se constrói através da troca e que o professor não o único detentor do saber.

Os saberes e a cultura do educando devem ser respeitados como ponto de partida real, realizando a avaliação a partir das experiências acumuladas e das transformações que marcaram o seu trajeto educativo. A avaliação será significativa se estiver voltada para a autonomia dos educandos.

Essa expectativa de reformular a prática de fato e de direito implica algumas reflexões no tocante ao que se tem e ao que se almeja conseguir. Pautados no princípio da educação que valoriza a diversidade e reconhece as diferenças, o processo avaliativo como parte integrante da práxis pedagógica deve estar voltado para atender as necessidades dos educandos, considerando o seu perfil e a função social da EJA, isto é, o seu papel na formação da cidadania e na construção da autonomia.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Vygotsky, quem diria! ? Em minha sala de aula.** Fascículo 12, 2º Edição, Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB.** Lei 9.394/96. Brasília-DF, 1996.

\_\_\_\_\_. Ciências Naturais Ciências Naturais na Educação de Jovens e Adultos. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3\\_ciencias.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_ciencias.pdf)> Acessado em 06/08/2014.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares EJA- PN, 2006. Disponível em <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_eja.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf)> Acessado em 06/08/2014.

\_\_\_\_\_. Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3\\_edufisica.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol3_edufisica.pdf)> Acessado em 08/08/2014.

\_\_\_\_\_. Programa Nacional de Integração da Educação Básica na modalidade EJA, de 2007. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=562&catid=259:proeja-&id=12288:programa-nacional-de-integracao-da-educacao-profissional-com-a-educacao-basica-na-modalidade-de-educacao-de-jovens-e-adultos-proeja&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=562&catid=259:proeja-&id=12288:programa-nacional-de-integracao-da-educacao-profissional-com-a-educacao-basica-na-modalidade-de-educacao-de-jovens-e-adultos-proeja&option=com_content&view=article) – acessado em 10/08/2014.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não:** cartas a quem ousa ensinar. 6º Edição, São Paulo: Olho D'Água, 2006.

<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2033/projeto-de-aprendizagem-o-que-e-como-se-faz#ixzz3p8XAVjqn>> acessado em 20/10/2015.

LUCKESI, C. C. **O que é mesmo avaliar a aprendizagem?** Pátio, Revista Pedagógica, Porto Alegre, Artmed, ano III, n.12, fev./abr. 2000.

VASCONCELOS, C. **Avaliação:** concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. Cadernos pedagógicos do Libertad, n.3, São Paulo, Libertad, 14. ed., 1994.